

O discurso de resistência do corpo gordo à ditadura da beleza

The discourse of resistance of the fat body to the dictatorship of beauty

 Tânia Maria Augusto Pereira

Resumo: Este artigo reflete sobre a resistência do corpo gordo frente à normatização de uma moldagem corporal apresentada pela mídia como verdade da época. Como ponto de partida, se questiona: quais verdades estão sendo produzidas e veiculadas na mídia sobre o corpo gordo? E até que ponto esse corpo é sinônimo de resistência, já que rompe com a hegemonia do discurso midiático? A reflexão está alicerçada nos estudos sobre o discurso (FOUCAULT, 2008, 2010, 2012) e sobre o corpo como uma construção histórica e cultural, na qual se articulam diferentes discursos e saberes (FISCHLER, 2005; ORTEGA, 2008; PEREIRA, 2013). É lançado um olhar sobre o corpo gordo, analisando o discurso em evidência e trazendo à presença o que é interdito. Constata-se que, apesar de a mídia insistir na propagação de um discurso já cristalizado acerca do corpo magro aceito socialmente, algumas mulheres, confrontadas com a dura exigência imposta pela mídia de serem magras e sedutoras, ousam mostrar um corpo que, supostamente, “ninguém quer ver” e transformam a si mesmas.

Palavras-chave: Corpo gordo. Discurso. Resistência.

Tânia Maria Augusto Pereira. Doutora em Linguística, Professora do Departamento de Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores – PPGFP - da Universidade Estadual da Paraíba.

Abstract: This article is about subjects resistance to the normalization of a fat body molding presented by media as the truth of the moment. As a starting point, ask yourself: which truths have been produced and portrayed in media about the fat body? And to what extent is this body a synonym of resistance, since it breaks the hegemony of the media discourse? Reflection is based on the studies about discourse (FOUCAULT, 2008, 2010, 2012) and about body as a historical and cultural construction, through which different discourses and knowledge are articulated (FISCHLER, 2005; ORTEGA, 2008; PEREIRA, 2013). A look is cast on female fat body, analyzing the emphasized discourse presented, which also conveys what is interdicted. In spite of media insistence on spreading a crystallized discourse over the skinny body socially accepted, some women, confronted with a hard demand imposed by media of being skinny and seductive, dare to show a body that, supposedly, “nobody wants to see” and transform themselves.

Keywords: Fat body. Discourse. Resistance.

Introdução

Sob a égide da saúde, a sociedade contemporânea é estimulada a combater o mal do século: o excesso de peso. O cerco à gordura aumenta. Assim, de maneira coercitiva, o sujeito é intimado a se enquadrar em programas de emagrecimento que exigem disciplina e persistência para adquirir um corpo magro. Esse corpo é o referente a ser alcançado não apenas em nome da estética, mas em nome da saúde.



Diante das resistências dos sujeitos frente à normatização de uma moldagem corporal apresentada pela mídia como verdade da época atual, questionamos: quais verdades estão sendo produzidas e veiculadas na mídia sobre o corpo gordo? E até que ponto esse corpo é sinônimo de resistência, já que rompe com a hegemonia do discurso midiático? Para responder esses questionamentos, objetivamos refletir sobre o corpo gordo na sociedade contemporânea e a resistência de mulheres em não aceitar as normatizações corporais impostas na sociedade. Metodologicamente, analisamos a imagem do corpo gordo enquanto resistência às práticas e padrões estéticos construídos historicamente em uma página virtual e em duas capas de revistas impressas.

Considerando o lema foucaultiano de que onde há poder há resistência, nos interessa compreender a resistência não como efeito de uma causa que é o poder, mas como uma força que se opõe ao exercício de um poder que é, sobretudo, produtivo. Em poucas palavras, a genealogia do acontecimento se mostra como um caminho profícuo para problematizar a relação entre resistência e poder no interior do pensamento de Foucault (2010), porque considera o caráter aleatório, heterogêneo e contingente da história.

Na nossa sociedade, o sujeito que não está dentro do padrão de beleza divulgado pelos meios midiáticos é considerado “anormal”. No discurso da beleza existe um princípio de segregação, ou seja, a exclusão do sujeito gordo. E esse processo pode ser compreendido como um procedimento de controle. O sujeito “gordo” é segregado da sociedade devido ao seu corpo. É divulgado constantemente um modelo inatingível de beleza, que os



sujeitos sabem que não poderão jamais alcançar, uma vez que a perfeição é apenas uma ilusão e está longe de ser atingida. Não só a mídia está envolvida nesse processo, mas todo um conjunto de instituições que delimitam normas para os sujeitos.

Considerações sobre o corpo gordo

Cada grupo social imprime expectativas em torno do corpo. Em qualquer sociedade, o corpo é um lugar de poder, sujeito a coerções e domínios ou a experiências de confronto e resistência (FOUCAULT, 2012). As redes do poder, que antes passavam pela alma, agora na contemporaneidade, passam pela saúde e pelo corpo. Por este motivo, defendemos que o corpo se reveste de significados e interpretações. Ao corpo se aplicam sentimentos, discursos e práticas que estão na base das vidas sociais.

Para Sant'Anna (2005, p. 12), “o corpo é, ele próprio um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história.” O corpo é concebido como uma realidade biopolítica (FOUCAULT, 2012), alvo de uma política de “controle-estimulação” que objetiva produzi-lo, expondo os sujeitos às maneiras de pensar e de agir adequadamente na sociedade, incitando-os à interiorização e à incorporação de convenções idealmente construídas.

Segundo Ortega (2008), a ideia de que podemos moldar nossos corpos como quisermos está fazendo com que características como obesidade ou velhice passem a ser vistas quase como anor-



malidades. É como se só fosse idoso ou obeso quem não é responsável, quem não se cuida. Além de discriminados, esses “novos desviantes” terminariam frustrados por não serem capazes de atingir o ideal socialmente imposto. O corpo é maleável, mas tem um limite. A propagação midiática de um ideal de maleabilidade total pode ser muito tirânica para os sujeitos que não conseguem atingi-lo. Seria ridículo dizer que devemos comer gordura como resistência, só porque dizem que não se pode fazer isso. Diante do paradoxo daqueles que se tornam escravos da saúde, o importante é ser saudável para fazer as coisas de que se gosta, e não para poder cuidar da saúde o tempo todo. Conforme Pereira (2015),

Na contemporaneidade, sob a égide da saúde, a sociedade é estimulada a combater o mal do século: o excesso de peso. O cerco à gordura aumenta. Assim, de maneira coercitiva, o sujeito é intimado a se enquadrar em programas de emagrecimento que exigem disciplina e persistência para adquirir um corpo magro (PEREIRA, 2015, p. 220).

A gordura, a flacidez, o sedentarismo simbolizam a indisciplina, o descaso, a falta de controle. As pessoas são culpadas pelo fracasso do próprio corpo, o qual, sem dúvida, é vigiado e punido (FOUCAULT, 2012). Segundo Fischler (2005, p. 69), “[...] há um século nos países ocidentais desenvolvidos os gordos eram amados; hoje, nos mesmos países, amam-se os magros.” Estar fora do padrão atual de beleza, leva qualquer indivíduo a sentir-se excluído e insatisfeito com o próprio corpo.



Essa insatisfação movimentou um mercado bastante diversificado que inclui academias, moda, cirurgias plásticas, alimentação, remédios, aparelhos etc. O que efetivamente se vende é a possibilidade de se permanecer vivo, belo e jovem, mas, para tanto, a magreza se sobressai como um valor em si mesmo.

Não somos totalmente livres para construir nosso corpo, pois estamos sujeitados moralmente e aprisionados pela ditadura do corpo perfeito. No passado, rompemos com os espartilhos, nos anos 1970, queimamos sutiãs, mas hoje é o próprio corpo, modificado por plásticas e por exercícios que se impõe ao olhar rígido, de formas contidas por um lado, e exacerbadas, por outro. Sobre essa questão, Foucault (2012) afirma que

o domínio e a consciência do seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do próprio corpo [...] tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação do seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. [...] O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (FOUCAULT, 2012, p. 146).

Vivemos em uma época de “lipofobia”, que está diretamente ligada a uma “obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca pela obesidade.” (FISCHLER, 2005, p.15). A pessoa gorda repre-



senta um peso socialmente inadequado e é percebida por meio de uma imagem negativa. Nossa cultura de valorização da magreza transformou a obesidade em um símbolo de falência moral. O corpo gordo, muitas vezes, denota descuido, preguiça, desleixo, falta de disciplina. Segundo Sant'Anna (2015), nos Estados Unidos, em 1926, um médico chamado Leonard Williams escreveu um livro intitulado “Obesidade”, no qual os indivíduos mais pesados eram associados a um caráter ávido e repulsivo, para o médico, ninguém tinha o direito de ser gordo. Esse tipo de discurso ainda continua nos dias atuais, é confirmado e atualizado, generalizando a tendência de excluir o gordo dos espaços sociais.

Contudo, há uma reação a essa padronização e a sua imposição, como podemos observar através de movimentos sociais e ativismos variados, genericamente classificados como movimentos antigordofobia. Arraes (2015) ressalta que a gordofobia é uma maneira de discriminação estruturada e disseminada nos mais diversos contextos socioculturais que consiste na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. Os comportamentos gordofóbicos reforçam estereótipos e impõem situações constrangedoras e degradantes, com fins segregacionistas.

No cotidiano, a gordofobia causa dificuldades em enfrentar a estigmatização, pois frequentemente o discurso preconceituoso vem ocultado no discurso de valorização da saúde e revestido de argumentos médicos. A ideia de preocupação com a saúde de quem é gordo demonstra indícios de gordofobia, uma vez que se presume que aquele sujeito é doente só por estar acima do peso considerado ideal, enquanto pessoas magras não são abordadas

e questionadas a respeito de seus níveis de pressão arterial, por exemplo. Se a magreza é sinônimo de saúde, ser gordo, além de esteticamente desvalorizado, é sinônimo de doença.

Em contraposição a essa opressão, que afeta, sobretudo, corpos gordos femininos, tem sido criados canais de ativismo cibernético tendo como protagonistas mulheres que se propõem a “representar” os corpos gordos de maneira positiva. Dentro dessa discussão, se faz urgente refletir sobre o corpo gordo fora do padrão normativo vigente (GUATARRI; ROLNIK, 1996), verbe-rando outro modo de ser e estar no mundo, admitindo um corpo diferente ao imposto como ideal.

Conforme Louro (2016, p. 15), investimos muito nos corpos, “nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”. Desse modo, as diferenças entre homens e mulheres não se dão somente através de definições biológicas, elas são produzidas “na cultura e pela cultura”, que transcende o olhar naturalista com que inúmeras vezes o corpo é explicado e tratado.

O meu corpo é resistência

O corpo é social, isto significa que “o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa.” (SANT’ANNA, 2005, p. 12). Há uma resistência social quando saímos do domínio normatizado e partimos para outro lugar de criação e reflexão do corpo como ele é e do que pode ser. Aceitar, o corpo como ele é ou produzi-lo de modo criativo, pode provocar



mudanças nas concepções de beleza, saúde e felicidade. Amar o próprio corpo pode transformar a forma de um sujeito pensar e estar no mundo, revoluciona o modo de estar, viver e ser na vida. Através da aceitação e respeito com o próprio corpo, podem ocorrer inúmeras libertações que mudem a subjetividade diante das normatizações corporais.

O corpo gordo pode ser uma resistência à padronização estética capitalista e, pode tornar-se um acontecimento político de empoderamento, manifestando uma vontade de oposição ao que se vive na sociedade de controle, capturando e revelando fluxos de crenças e de desejos contra a naturalização do sistema e reafirmando a revolução que o indivíduo pode se propor na abertura de uma possibilidade a novos mundos possíveis.

Segundo Baquero (2012), pode-se pensar no conceito de empoderamento de sujeitos de duas formas: individual e coletiva. A primeira, segundo a autora, diz respeito à análise psicológica, como o sujeito se vê e procura recursos para modificar sua vida, e se empoderar na autoestima, autoafirmação e autoconfiança. A forma coletiva pode ser compreendida em dois níveis: um organizacional, que diz respeito à autonomia e participação de colaboradores em uma organização, implicando decisões e participações em coletivo; outro comunitário, relacionado à união de sujeitos desfavorecidos que procuram meios de melhorar o ambiente em que vivem, “[...] buscando a conquista plena dos direitos de cidadania, defesa de seus interesses e influenciar ações do Estado.” (BAQUERO, 2012, p. 178).



Considerando que somos seres sociais e construídos a partir do meio que vivemos, o empoderamento deve ser visto de forma coletiva. Entretanto, não há como uma pessoa empoderar outra, já que o empoderamento está intrínseco a autorreflexão, o que pode ser feito é ajudar, apoiar e/ou mostrar como criar meios para essa autonomia. O empoderamento pode ser entendido como resistência ao poder, pois essa ação está focada nos oprimidos e não nos opressores. “A tomada de consciência não se dá de forma isolada, mas através das relações que os homens estabelecem entre si, mediados pelo mundo” (BAQUERO, 2012, p. 182).

O empoderamento feminino é um processo que parte de uma busca por ações e conhecimento para encontrar força e poder sobre si e conseguir se emancipar de opressões que acontecem em nosso entorno. O processo de empoderamento faz com que percebamos a opressão, o quanto isso pode fazer mal e assim, encontrar novos modos de pertencimentos às instituições e conceber novos arranjos sociais.

Os corpos gordos resistem diante do padrão estético e buscam outro caminho de estar e se perceber no mundo. Para muitas mulheres, é importante perceber-se como gorda, usar o título de gorda como estratégia de autodenominação positiva e nunca negativa. Quando as mulheres dissipam o sentimento negativo ligado à palavra “gorda”, se tornam resistentes e dissidentes da norma imposta por uma sociedade que padroniza e controla corpos e desejos, que define o belo e o saudável.

A Figura 1 apresenta um exemplo de resistência. Mulheres gordas resistentes lançam marcas que buscam celebrar não as

“curvas e a autoestima” de maneira genérica, mas celebram a própria gordura, de forma que a roupa passa a ser não só uma maneira de se expressar em relação a preferências de estilo, mas torna-se um instrumento de resistência. O termo “gorda” é percebido como um adjetivo bom e que deve aparecer e existir, ser visível e estar presente na sociedade. Ao usarem uma camiseta com o enunciado “gorda”, as mulheres propõem outro modo de ser e estar no mundo, outras corporalidades, buscam o empoderamento, libertam-se da opressão estética.

Figura 1 - Página virtual de venda de camiseta com a mensagem “gorda”

Disponível em: <https://www.ohquerida.com.br/camisetao/camisetona-gorda>
Acesso em: 20 de maio de 2021

O objetivo da página virtual é mostrar que o corpo gordo existe, não é doente e repulsivo como a mídia apoiada pelo discurso médico apresenta. Dessa maneira, a mulher empodera-se quando entende que ser gorda é estar fora de uma normalidade cor-

poral, é desvendar o olhar preso às normas e perceber quais mecanismos sócio culturais podem estar por trás da busca de um corpo “normal” e quanta disciplina e normatizações o corpo deve suportar para ser o que é.

Conforme Foucault (2008), o corpo está inserido numa teia de poderes que lhe ditam proibições, obrigações e coerções que acabam por determinar gestos e atitudes e delimitam as práticas e mecanismos na construção do corpo inteligível em uma estrutura sócio política de utilidade e docilidade. Cada grupo social imprime expectativas em torno ao corpo. Ao quebrar a normatização de corpos magros como o único aceito e valorizado, a mulher se torna um sujeito politicamente resistente a uma padronização na qual não se encaixa.

A mídia, enquanto articuladora de imagens simbólicas na sociedade atual, participa ativamente da construção do imaginário social (GREGOLIN, 2003). Desse modo, revistas que veiculam capas com corpos gordos contribuem para a desmistificação existente nesse imaginário social, no qual os indivíduos percebem-se e se relacionam. Tais revistas apresentam um discurso de resistência às práticas e padrões estéticos historicamente construídos. Isso pode ser comprovado nas capas de revista selecionadas para análise, que não estão vinculadas ao universo corporal, ou seja, não são revistas especializadas na cultura da beleza.

A constituição da capa, apresentada na Figura 2, mostra um fundo que vai gradualmente do amarelo ao dourado, tom que nos remete instintivamente ao elemento ouro, sinônimo de riqueza e tradição. A escolha destes tons alude à elite magra (padrão mi-

diático) que relega os corpos que nela não se encaixam, já que, na atualidade, o desejo disseminado é o de que o corpo deve ser magro, livre de adiposidade (PEREIRA, 2013).

Figura 2 – Capa da revista TPM



Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gaby-amarantos-e-capa-da-tpm-123>.

Acesso em: 15 de junho de 2021

No centro da capa, temos a cantora e compositora paraense Gaby Amarantos. Vestida com um maiô de vinil preto e luvas douradas, a cantora tem o corpo voltado para a esquerda, mas sua cabeça e olhar se voltam para direita. Sua expressão facial parece nos comunicar que ela, dona de um corpo transgressor dos padrões físicos, está bem situada e tem consciência de que este lugar de destaque lhe pertence (FISCHLER, 2015).



A representante do estilo musical tecno-brega também é apresentadora de um programa sobre moda em TV fechada. Sempre irônica e despojada, uma de suas respostas à entrevista da Revista TPM intitula a capa da edição em análise: “*Eu não visto 38. E daí?*”. A referência ao tamanho 38 remete diretamente ao padrão de modelagem estabelecido para a maioria das mulheres brasileiras, embora ele não represente a realidade. A pergunta provocativa “*E daí?*”, conduz à reflexão de que o padrão midiático e estabelecido socialmente como sendo o “normal” não corresponde ao seu corpo e essa falta de correspondência é vista pela apresentadora como algo sem relevância.

Confrontadas com a dura exigência imposta pela mídia de serem magras e sedutoras algumas mulheres ousam mostrar um corpo que, supostamente, “ninguém quer ver” e transformar também sua própria visão sobre si. Ao dizerem não aos controles contemporâneos sobre os corpos, produzem uma resistência. São mulheres que resistem diante de um modelo inatingível de beleza, uma vez que a perfeição é apenas uma ilusão e está longe de ser atingida. Não só a mídia está envolvida nesse processo, mas todo um conjunto de instituições que delimitam normas para os sujeitos. Que criam modelos e padrões a cada geração e impõem a nossa adesão a suas ideias utópicas. Nessa linha, essa separação de territórios entre corpos “magros” e “gordos”, divide a sociedade e faz os sujeitos acreditarem que só existe uma maneira de serem belos.

Tal prática discursiva pode representar um movimento de resistência ao padrão de magreza reproduzido pela mídia e indicar

uma possibilidade de mudança discursiva e social. As capas de revistas mostram mulheres que lutam para dar vozes aos corpos silenciados pela hegemonia. São exemplos de resistência frente aos discursos dominantes de construção da corpulência e que permite ao leitor refletir, através das imagens sobre questões relacionadas a representação social da gordura.

A Figura 3 apresenta uma revista com capa na cor azul. O tom azul faz alusão à imagem do céu, tido como sinônimo de infinito; além de ser um tom que remete à tranquilidade, por não ser uma nuance vibrante da cor. Essa cor também é utilizada para representar a feminilidade, por provocar a sensação de afetividade e conforto.

Figura 3 – Capa da revista Elle



Fonte: Disponível em <https://juromano.com/moda/plus-size-na-elle-brasil-de-maio-com-gorduras-e-sem-photoshop-sim-sou-eu/>
Acesso em: 18 de junho de 2021



No centro da capa, temos novamente a imagem de uma mulher. Desta vez, trata-se da blogueira Juliana Romano, de 27 anos. Vestindo apenas um casaco que deixa descoberta uma parte do seu corpo, que está virado para a esquerda, e o rosto voltado para frente, como se encarasse o leitor, numa atitude de resistência e empoderamento. Em sua edição especial de aniversário, a revista *Elle* teve como manchete principal “#VocêNaCapa”, fazendo referência às possíveis leitoras como modelo de capa. Ao ser convidada para fotografar, a blogueira fez questão de não utilizar *photoshop*, ou seja, mecanismos de correção corporal e retoques faciais.

Em seu *blog*, Romano (2015) estimula as mulheres *plus size* a aceitarem seus corpos e confessa ter vivido a ansiedade por ver numa revista de moda brasileira, voltada para o público feminino, uma mulher com manequim GG. Sobre a questão do corpo, a blogueira deixa um recado no *blog* para os seus seguidores: “O corpo é meu e eu faço o que eu quiser com ele e ninguém tem nada com isso! Não me levem a mal, é só para a patrulha gordofóbica entender que aqui não é lugar para comentários preconceituosos”.

É possível perceber que a resistência do corpo gordo aos padrões impostos pela mídia e pela cultura importada vem obtendo destaque e ganhando força. Se os sujeitos leitores assumem e repetem como verdade o discurso veiculado pela mídia, então ter uma blogueira de moda *plus size*, reconhecida nacionalmente como ícone de luta e empoderamento feminino, ocupando o lugar de destaque (a capa de uma renomada revista de moda), representa o lugar do corpo anteriormente não aceito. Uma capa de



revista com a presença de corpos diferentes, que transgridem às regras, constitui um novo lugar de resistência (PEREIRA, 2013).

O padrão de beleza é historicamente construído e sua propagação está envolta em procedimentos de controle que tentam coagir os sujeitos e fazê-los aderir ao modelo do corpo ideal. Todavia, onde há poder, há também formas de resistência, por isso, existem os sujeitos que conseguem resistir ao padrão, assumir as suas formas físicas e viverem bem com o corpo que possuem, à medida que compreendem os elos entre o corpo e sua história.

A estética condena os corpos gordos, olhados como transgressores de um parâmetro de beleza, normalidade ou reciprocidade. Vislumbrando o outro lado da moeda, Foucault (2008) afirma que sempre que há poder, haverá uma resistência sendo gestada. Para o filósofo francês, a resistência é também imanente ao poder, e as relações de poder só existem porque existe uma multiplicidade de pontos de resistência, isto é, são resistências, no plural. Por isso, assim como o poder, as resistências são também pontos móveis, nômades, inventivos, muitas vezes improváveis e espontâneos, provocadores de clivagens, reagrupamentos e singularizações. As resistências percorrem os próprios sujeitos e também constituem seus corpos; produzem rupturas, constituindo o novo.

Lipovetsky (2015) chama atenção para a presença de convocações midiáticas para todos os tipos de corpos e para a valorização de uma beleza real, ao lado das clássicas convocações para o corpo ideal/magro. No entanto, ele ressalta que o padrão de beleza hegemônico sempre existirá.



Na contemporaneidade, o corpo passa a ser um importante sinal de diferenciação. Pode-se visualizar um movimento incessante de procura do apagamento das marcas das diferenças em favor da construção de um mundo harmônico e que, por isso, busca minar e desativar o que difere, marcando com uma identidade o que burla, desenquadra, rompe, destoa dos enclausurados parâmetros contemporâneos de normalidade que engessam os sujeitos e seus corpos.

Nas capas de revista analisadas, o corpo gordo é apresentado como sinônimo de aceitação, sucesso, naturalidade e felicidade. As capas demonstram como a mulher, dona de um corpo que não obedece aos padrões, deve encarar a mídia massificadora e ocupar seu lugar de direito. O corpo se constitui, portanto, como um lugar de disputa, não só de saberes e discursos, mas também um conflito do sujeito com o próprio corpo (PEREIRA, 2013).

Considerações finais

Pensando nas relações entre o sujeito e o poder, Foucault (2010) propõe analisar as formas de resistência, entendendo-as como “catalisadores químicos” que permitem colocar em evidência as relações de poder, ver onde elas se inscrevem, descobrir os seus pontos de aplicação e os métodos que elas utilizam. Para compreender em que consistem as relações de poder, é necessário analisar as formas de resistência e os esforços desenvolvidos para tentar dissociar essas relações.



O corpo gordo associado ao descontrole e à indisciplina está distanciando-se da marginalização e colocando-se como centro de um discurso de resistência e de empoderamento. Sendo alvo de disputa pelo controle e manutenção do poder, o corpo, a cada instância de libertação conquistada, é apropriado pelos novos espaços ideológicos, e pelos interesses de dominação e exploração comercial destes (PEREIRA, 2015).

Como já dito, Foucault (2012) esclarece que o corpo foi descoberto como objeto e alvo do poder. Ele ganha atenção quando é percebido como algo manipulado, modelado, treinado e obediente. Muitas mulheres, cujos corpos não fazem parte do padrão estético feminino, conseguem se libertar das exigências sociais ao entenderem que a normatização do corpo magro é uma utopia muito difícil de ser alcançada. Tais mulheres propõem outro modo de ser e estar no mundo, outras sociabilidades, outras corporalidades, buscam o empoderamento de seus modos de ser, que estão fora dos padrões, libertando-se da opressão estética na subjetividade capitalística. Transformam seus corpos gordos em corpos revolucionários e políticos.

Referências

ARRAES, Jarid. Gordofobia como questão política e feminista. *Revista Fórum*. 2015. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politica-e-feminista/> Acesso em: 20 jun. 2021.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. *Revista Debates*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>. Acesso em: 18 jun. 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 07-34.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org.) *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 69-80.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 40. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica*. 2. ed. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GREGOLIN, Maria do R. V. (Org.) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003, p. 9-17. (Coleção Olhares Oblíquos).

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEREIRA, Tânia M. A. *O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático: o corpo em cena nas capas da revista Veja*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PEREIRA, Tânia M. A. O corpo gordo na ordem do discurso publicitário: efeitos do biopoder. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (Org.) *Escrit@s sobre gênero e sexualidades*. São Paulo: Scortecci, 2015. p. 217-229.

ROMANO, Juliana. Plus Size na ELLE Brasil de maio com gorduras e sem Photoshop. Sim! Sou eu! 2015. Disponível em <https://juromano.com/moda/plus-size-na-elle-brasil-de-maio-com-gorduras-e-sem-photoshop-sim-sou-eu/> Acesso em: 20 jun. 2021.

SANT'ANNA, Denise B. (Org.) *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

Recebido em 11/04/2020.

Aceito em 19/06/2020.

Licenciado por

